



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

**A EDUCAÇÃO FÍSICA DO COLÉGIO NOSSA SENHORA SALESIANA DE VITÓRIA:
AS DÉCADAS DE 1943 E 1969 MARCANDO A EDUCAÇÃO DO CORPO DA ELITE
CAPIXABA.**

Lígia Ribeiro e Silva Gomes
Erineusa Maria da Silva
Victor José Machado de Oliveira
David Gomes Martins
Luciano Faria da Silva
Cristiano Francisco dos Anjos
Gean Carlos Saar
Deivid Araújo Cancela

Resumo: Pretende-se com esta pesquisa identificar como se deu a educação do corpo no colégio Nossa Senhora Salesiana de Vitória entre as décadas de 1943 e 1969, investigando como a educação física participou deste processo. Tomamos os seguintes instrumentos metodológicos: análises de jornais, revistas, cadernos de crônicas e imagens da época; documentos escolares (Projeto Político-Pedagógico, Planos de Ensino e Planos de Aulas), e ainda entrevistas semiestruturadas. Espera-se que este estudo, que se encontra em andamento contribua com o entendimento da educação do corpo da elite capixaba por via da educação física, bem como fortalecer o debate intelectual da área.

Palavras-chave: Educação física; Educação do corpo; Educação eclesial.

Introdução

Este projeto de pesquisa¹ tem por objetivo identificar como se deu a educação do corpo no Colégio Salesiano Nossa Senhora de Vitória entre os anos de 1943 a 1963 e como a educação física participou desse processo. A proposta inicial é identificar as raízes da educação física nos moldes da educação eclesial em uma escola privada, buscando perceber quais eram os ideais de formação educativa, compreendendo este como fator imprescindível a educação do corpo para a parcela da população mais elitizada da cidade de Vitória/ES. Outro aspecto importante que deve ser considerado é que as investigações sobre a educação física escolar nas instituições privadas são pouco evidenciadas, menos ainda neste espaço geográfico. Nesse sentido, desvendar a gênese de uma educação física que atendesse a classe dominante pautada nos apelos do projeto educacional voltado à elite brasileira, é de suma importância quanto ao entendimento do processo histórico de escolarização da educação física no Espírito Santo.

¹ Esta pesquisa se pautou em uma outra pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina ano de 2008, intitulada: CORPO E DISTINÇÃO SOCIAL: CÓDIGOS QUE SE MARCAM NA ESCOLA.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Pautando-nos nesses aspectos, acreditamos na pertinência e na relevância da educação do corpo conectada diretamente com o processo de subjetivação dos sujeitos. Salientamos, também, que esta investigação se justifica na intenção de compreendermos que a caracterização estrutural de uma educação voltada ao disciplinamento corporal possa sugerir diferenças internas, que se estabelecem com a formação que se propõe e a quem se propõe. Desse modo, buscamos verificar se as marcas desse modelo de formação podem ser evidenciadas na corporalidade dos alunos/as como aspectos de uma distinção entre os sujeitos (BOLTANSKI, 1979), motivadas pelas formas de perceber, usar e sentir o corpo, atribuindo nexos aos graus de desenvolvimento cultural entre a educação que se propõe a formação eclesial e como a educação física se propõe a responder por tal empreitada.

A partir desses princípios, acreditamos que os vários discursos e ações vinculados a uma educação do corpo transitem no ambiente escolar “atravessando” os sujeitos e determinando o modo como são afetados (educados), na forma de conceber e de perceber o corpo. Esse é o caminho que objetivamos trabalhar durante o percurso investigativo desta pesquisa.

Com relação à metodologia, esta pesquisa se caracteriza por ser de cunho qualitativo se utilizando dos seguintes instrumentos metodológicos: análises de jornais, revistas, cadernos de crônicas e imagens da época; documentos escolares (Projeto Político-Pedagógico, Planos de ensino e planos de aulas), e ainda entrevistas semiestruturadas e revisão bibliográfica. Com relação à análise historiográfica que se pretende desenvolver, Taborda (2004) nos alerta sobre a importância de atentarmos para novos olhares e novos tratamentos diante de um mesmo objeto de pesquisa, pois para o autor a investigação histórica é datada e marcada pelo espírito investigativo de cada época, carregando os ideais científicos que inspiraram determinado período, conduzindo-nos a desvendamentos muitas vezes homogêneos. Nesse sentido, é necessário atentarmos ao rigor metodológico e a fidedignidade das fontes estudadas.

A presença Salesiana e a educação do corpo

A presença dos Salesianos no Espírito Santo data do dia 14 de julho de 1930 quando foi inaugurado o prédio do Colégio Salesiano Anchieta de Virgínia (AZZI, 2003). O colégio dispunha de sistema de internato, externato, curso noturno, escola prática de agricultura, banda de música e uma "escola de soldados". Na cidade de Vitória/ES o Colégio Nossa Senhora de Vitória foi fundado em 1943 (BOLETIM SALESIANO, *apud* AZZI, 2003). Juntamente com a educação eclesial nos moldes da educação Salesiana, podemos destacar alguns aspectos desse modelo de formação datados de um período de reformas educacionais no contexto brasileiro, como nos informa Ghirdelli Jr. (2006) que surgem devido aos processos de modernização que vinham sendo implantados ao cenário da sociedade brasileira.

Ao buscarmos identificar as pesquisas realizadas sobre as escolas católicas brasileiras encontramos a pesquisa feita em Florianópolis/SC pelo historiador Dallabrida (2001). O



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

autor estudou um dos colégios mais tradicionais de ordem católica do estado de Santa Catarina responsável pela educação da elite local nas primeiras décadas do Séc. XX. Em sua pesquisa aponta que a cruzada eclesiástica moderna utilizou-se da educação como instrumento sistemático na produção da infância e adolescência das classes privilegiadas, com intuito de garantir a formação dos futuros dirigentes do país (DALLABRIDA, 2001). Esse modelo educacional teve início no Brasil com o estabelecimento da Companhia de Jesus constituindo-se por uma extensa rede de Colégios. O modelo pedagógico era a “*Ratio Studiorum*”, constituindo-se por potentes estratégias disciplinares educacionais. Estes mecanismos disciplinares presentes nas diferentes instituições produziram processos de subjetivação que colocavam os sujeitos a mercê da ordem vigente que era fabricar corpos “dóceis” e “úteis” nas palavras de Foucault (1987).

Quanto à educação nos moldes da educação eclesiástica, até os anos vinte, eram feitas visitas dos fiscais federais no final do ano, quando eram aplicados os exames. Os inspetores federais, geralmente nomeados por facções políticas exerciam uma ação fiscalizadora formal, permitindo que os colégios gozassem de plena autonomia em relação aos procedimentos didáticos e disciplinares. Com a reforma protestante e a resposta católica foram criados novos mecanismos disciplinares para conquistar novas almas para seu rebanho, principalmente às crianças. A cruzada moderna utilizou-se da educação como instrumento sistemático na produção da infância (DALLABRIDA, 2001).

Os membros da Companhia de Jesus estabeleceram uma extensa rede de colégios. Juntamente com eles foi instituído um novo método pedagógico, a “*Ratio Studiorum*” a fim de estabelecer uma maquinaria escolar que pudesse estabelecer estratégias de condutas escolares. No final do século XIX os jesuítas alemães trouxeram em suas tradições pedagógicas a “*Ratio Studiorum*” – reestruturada à nova ordem educacional disciplinar católica (DALLABRIDA, 2001).

O século XX apresenta algumas preocupações pedagógicas, mas para esta pesquisa, basicamente, duas delas serão importantes para as análises que se seguem: o movimento do “entusiasmo pela educação” e o “otimismo pedagógico”², movimentos esses que indicavam mudanças no contexto educacional da Primeira República. O primeiro se orientava pela necessidade da abertura de novas escolas, pois pairavam, nas relações sociais dessa época, ideais de modernização e de civilidade, características essas que estavam ancoradas na racionalidade científica e que encontravam na escola a grande promessa de profusão da proposta do desenvolvimento do País. O segundo movimento apontava uma preocupação com os métodos e os conteúdos de ensino, baseados num esforço intelectual para que houvesse a transição da pedagogia tradicional por modelos pedagógicos mais progressistas (laicos). O movimento “otimismo pedagógico” estava mais próximo da pedagogia laica, já o movimento “entusiasmo pela educação” tinha sua base teórica na pedagogia tradicional.³

1 Verificar em Ghiraldelli Júnior, 2006.

³ Esses dois movimentos estavam ancorados nas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. O otimismo pedagógico era ligado à linha teórica do movimento escolanovista a partir da teoria de Dewey. O segundo ancorava-se na teoria de Herbart que vigorou durante algum tempo por meio



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

O que está em jogo para essas análises é visualizar, a partir desses movimentos, o que estava oculto nos ideais de desenvolvimento para o povo brasileiro, nos quais os intelectuais da nação tomam a educação e a Educação Física como aportes para alcançar modelos hierarquizados de povo (arianização da raça), como nos indicam Schneider e Neto (2006). Mais ainda, os dois autores nos mostram que, pela proposta racista de branqueamento da população brasileira, articula-se a escola que é incumbida de organizar esse trabalho nacional.

Entre os projetos educacionais brasileiros, algumas mudanças mostraram que o sistema Nacional de Educação instaurou novos decretos que implementaram a educação em nível de ensino secundário no Brasil, já que esse nível não estava à disposição das classes populares. Segundo Ghiraldelli Júnior (2006, p. 41), a “reforma Francisco Campos” teve em seu bojo várias leis, mas, intencionalmente, destacaremos o Decreto Lei nº 21.241, de 14 de abril de 1931, regulamentando o ensino secundário, já que esse nível de escolarização ainda não era acessível nem obrigatório nos Estados brasileiros.

Esse foi um marco decisório para o plano de educação nacional, pois o que vigorava nas escolas nacionais era a educação primária que se constituía por duas fases: a primeira atendia às crianças de 7 a 13 anos e a segunda de 13 a 15 anos. Esse modelo de educação foi marcado pela reforma Benjamin Constant (1891), que declarou, para esse grau de ensino, a acessibilidade a todos, assim como “livre ensino” “leigo e gratuito” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006).

Um pouco antes da virada do século, a Educação Física já fazia parte dos projetos educacionais, completando as grades curriculares, pautando-se no ensino da ginástica nas escolas públicas e privadas. Nesse período, surgem publicações, no Brasil, evidenciando essa prática, como uma publicação oficial para o ensino da Educação Física: “Novo guia para o ensino da ginástica nas escolas públicas da Prússia”, impresso no Rio de Janeiro, em 1870 (CANTARINO, 1982). Outro livro publicado foi o de Pedro Manoel Borges (1886), “Manual teórico prático de ginástica escolar, elementar e superior”, destinado às escolas públicas, colégios e liceus, escolas normais e municipais, afirmando que “[...] o ensino da ginástica era de grande necessidade, pois a mesma, através de exercícios coordenados e ensinados de modo sistemático dava ao corpo ‘um porte naturalmente garboso, facilitava o desenvolvimento físico e fortificava a saúde’” (CANATRINO, 1982, p. 65).

Ainda com relação à história da educação física, o processo de modernização nacional tinha como referência a educação do corpo como princípio orientador as novas práticas corporais que era denominada de ginástica escolar, diga-se acentuando que a educação física passa a ser referenciada nas escolas sob o nome de *gymnástica*. Esse enfoque dado a área, consagra-se a partir do discurso de fortalecimento da raça pela via de orientação higiênica, eugênica e moralizadora. Nesse sentido, visava-se a necessidade

da Companhia de Jesus, permanecendo forte pelos princípios do *Ratio Studiorum*. Outros movimentos pedagógicos ocorreram no início do século, mas não serão tratados aqui nesta pesquisa. Essas informações estão contidas no livro de Ghiraldelli Júnior (2006).



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

de civilizar o povo brasileiro, para que fosse possível realizar o sonho de *modernizar* o país integrando-o ao grupo das principais potências mundiais, afinal era apregoado que não era possível ser considerado desenvolvido com altas taxas de analfabetismo e uma população miscigenada (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006).

O século XIX é particularmente importante para o entendimento da Educação Física, uma vez que é neste século que se elaboram conceitos básicos sobre o corpo e sobre a sua utilização enquanto força de trabalho. É na perspectiva burguesa que podemos entender a Educação Física, como a disciplina necessária onde poderia ser efetivada a construção do homem novo: no campo, na fábrica, na família, na escola. Um corpo a-histórico, indeterminado, um corpo anátomo-fisiológico, meticulosamente estudado e, cientificamente, explicado.

A Educação Física Escolar brasileira teve início oficialmente em 1851, com a Reforma Couto Ferraz aplicada nas escolas do Rio de Janeiro. Quando deputado, Luiz Pedreira do Couto Ferraz apresentou à Assembléia as bases para a reforma do ensino primário e secundário no Município da Corte. Três anos após, em 1854, já como Ministro do Império, expediu sua regulamentação, e entre as matérias a serem obrigatoriamente ministradas no primário estava à ginástica, e no secundário, a dança. A concepção Higienista no Brasil predominou no final do Império e no período da Primeira República (mas, suas consequências nos chegam até hoje). Dada a Industrialização e seus problemas urbanos que eram causados, segundo os liberais, pela "ignorância popular" e, não como mazelas do sistema capitalista que desenvolveu o pensamento de "asepsia social", cabendo a Educação Física a responsabilidade em cumprir como "agente de saneamento público" a "formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação" proporcionar aos alunos o desenvolvimento harmônico do corpo e do espírito, concorrendo assim para formar o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resoluto, cômico do seu valor e das suas responsabilidades (SOARES, 1994).

A ginástica passa a fazer parte do projeto educacional, auxiliando na construção do homem brasileiro. Nesse sentido, há nas orientações educacionais formuladas pelos intelectuais do final do século XIX e início do Século XX que se dispõem a época trabalhar em função dos ideais nacionalistas de reconstrução da população por via da exercitação corporal. Para melhor ilustra o que foi dito, segue uma citação de Rui Barbosa sobre os ideários dos intelectuais brasileiros em prol da ginástica:

[...] a ginástica, além de ser o regimen fundamental para a reconstituição de um povo brasileiro cuja virilidade se depaupera e desaparece de dia em dia a olhos vistos, é ao mesmo tempo, um exercício eminentemente, insuperável, moralizador, um *germem* de ordem e um vigoroso alimento da liberdade. Dando a criança uma presença erecta e varonil, passo firme e regular, precisão e rapidez de movimentos insensivelmente a base de hábitos morais, relacionados pelo modo mais intimo com o conforto pessoal e a felicidade da futura família, damos lições práticas de moral, talvez mais poderosa do que os preceitos inculcados verbalmente (BARBOSA, apud SOARES, 1994, p. 112).

Nesse sentido, é notório que as inculcações que a população brasileira sofreu no sentido da utilização dos exercícios ginásticos como ferramentas importantíssimas na prevenção de doenças e na orientação para a obtenção da saúde do corpo, pode ser eleito o método



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

mais seguro de revigorar e de reconstruir o perfil de homens, mulheres e crianças que se pretendia para fazer parte do projeto de modernização da nação brasileira. Com isso, os espaços escolares nas primeiras décadas do século XX, tornam-se locais privilegiados a preservação e cultuação de tais práticas corporais. É importante destacar que no século XIX, a ginástica apresentava-se como o conteúdo ideal para os objetivos propostos para a Educação Física. Segundo Soares (1994, p. 64):

A ginástica, considerada a partir de então científica, desempenhou importantes funções na sociedade industrial, apresentando-se capaz de corrigir vícios posturais oriundos das atitudes adotadas no trabalho, demonstrando, assim, as suas vinculações com a medicina e, desse modo, conquistando *status*. A essa feição médica, soma-se outra à ginástica: aquela de ordem disciplinar [...] e disciplina era algo absolutamente necessário à ordem fabril e à nova sociedade.

A década de 1920 foi marcada pelos eventos científicos sobre higiene que propunha no ambiente escolar, abordagens sobre a educação física e a ginástica de Ling como instrumentos impreterivelmente necessários para a aquisição da boa saúde física, pois trabalhava a força física na criança com maior economia energética. As temáticas nos congressos giravam em torno da saúde individual das pessoas, tendo que ser incorporadas como hábitos. Esses processos de inculcação ocorriam na escola, ficando a cargo do professor de educação física sua execução, sob a tutela do médico escolar (SOARES, 1994).

Os aspectos da educação física que marcaram a década de 1930 foram bem situados por Paiva (2004) que, em sua tese de doutoramento, analisa a passagem para a pedagogização/escolarização das práticas físico-esportivas, que se diferenciavam das iniciativas educacionais dos exercícios físicos que eram ligadas mais à prescrição médica. Paiva (1997) cita, ainda, estudos que têm como tema as propostas de Fernando de Azevedo, quando este se refere às formas pedagogizadas de educação física, pensando-a em termos de programa educacional. Dessa forma, segue a seguinte citação:

Nesse programa [...] as dores e o sofrimento que o exercício físico pressupunha deveria ser minimizada por uma série de procedimentos pedagógicos que visavam tornar mais prazerosa a sua prática. Ao mesmo tempo, [propunha] uma prática de esporte que pretendia disciplinar a espontaneidade e o entusiasmo pressuposto nessa atividade através de um controle racional dos movimentos e das emoções, a ser internalizados pelos indivíduos durante um treinamento físico desenvolvido antes de sua prática (PAGNI, apud PAIVA, 1997, p. 75).

Como observamos, a ginástica aparece na Modernidade como uma técnica disciplinar que terá ampla disseminação pela instituição militar, além de receber o aval de outras instituições, como a médica com seu conhecimento científico e a instituição mercado que valorizará seus fins utilitários. Assim, a ginástica seria um exemplo ilustrativo do adestramento corporal realizado pelas instituições disciplinares da Modernidade (GOMES, 2000).



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Continuando com os aspectos históricos da educação nacional na década de 1930, identificamos que percorriam, no País, os ideais liberais em torno da educação. Em contrapartida, participavam do mesmo espírito em busca do progresso e do desenvolvimento educacional grupos ideológicos, como os integralistas, comunistas e o católico (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006).

Existiam projetos gerados por meio das políticas públicas que enfatizavam as atividades físicas como o carro-chefe para se alcançar os objetivos de um povo forte e civilizado. Projetos esses ancorados nas premissas do higienismo que tinham suas bases nas ciências biomédicas. Para atingir tais objetivos, foi necessária a sistematização da ginástica em ambientes escolares. Era pregado, pelos intelectuais da época, que, para se atingir o ápice da civilidade, era necessário que a educação atingisse globalmente o “homem”. Essa intervenção buscou, no processo de inculcação, segundo nos informa Paiva (2002), o padrão do novo homem moderno, que tinha o corpo como objeto de obsessão.

Há, na fase hodierna, discussões polêmicas a respeito do entendimento de corpo, polemizando paradigmas que surgiram desde período cartesiano até a atualidade. Em GhiraldeLLi Júnior (2007), identificam-se análises a esse respeito, dentre as quais o autor afirma que, na atualidade, não temos conseguido nos desvencilhar do pensamento dual de perspectiva cartesiana, o qual indicava a existência de duas dimensões humanas: corpo e mente, dando ênfase à mente, devendo esta ser considerada superior ao corpo. O autor afirma que, na atualidade, essa perspectiva alterou-se e compreendemos o corpo perspectivando “duplo” – o corpo “eu” e o corpo “máquina”. Não se conseguiria, na atual fase da Modernidade, seguindo o pensamento do autor, separar o corpo de mais nada, já que ele – o corpo - recebe estatuto supremo da era moderna.

O que mais chama a atenção nessa abordagem é o fato de percebermos que a mente se corporificou, estando “ela” a mercê do corpo. Citando as palavras do autor: “[...] a vida é a possibilidade do uso do corpo ou não é nada” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007, p. 18). O mesmo autor nos indica que ainda não nos desvencilhamos das nomenclaturas duais criadas no início da Modernidade, mas essa é apenas uma herança da racionalidade moderna e que não existe possibilidade de nos percebermos como uma mente separada do corpo, já que o corpo passa a existir como personagem fundamental da história atual.

Em especial, para esta pesquisa, é importante salientar a análise que o autor faz a respeito do corpo no ambiente escolar, quando afirma que as evidências das ações pedagógicas, nesses ambientes, estão para os discursos e ações que trazem o corpo e o comportamento como os grandes protagonistas presentes na escola, ou melhor, que toda educação escolar está para a educação do físico. Citando o autor: “[...] toda educação é uma educação física” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2007, p. 22). Nesse sentido, podemos identificá-las pelo *hexis* corporal, que passará a ser um conceito importante nesta pesquisa, pois indica marcas percebidas nos sujeitos que dizem muito do espaço social e do tipo de educação, a qual o sujeitos recebem. Pelas regras mais gerais de dar sentido e de apontar julgamentos estéticos, seja para o gosto erudito, seja para o gosto mais



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

popular, os sujeitos marcam pontos de vista mediados pelas suas apropriações corporais geradas para a reprodução das hierarquias (BOURDIEU, 2003b, p. 80). Nesse sentido, por *hexis* corporal Pierre Bourdieu entende que:

O *hexis* corporal, no qual entram, ao mesmo tempo, a conformação propriamente física, do corpo ('o físico') e a maneira de se servir dele, a postura, a atitude, ao que se crê expressa o 'ser profundo', a 'natureza' da 'pessoa' em sua verdade, segundo o postulado da correspondência entre o físico e o 'moral', nascido do conhecimento prático ou racionalizado que permite associar propriedades 'psicológicas' e morais a traços corporais ou fisiognomônicos (um corpo delgado e esbelto, por exemplo, percebido como sinal de controle viril de apetites corporais). Mas essa linguagem da natureza, que se acredita trair o mais oculto e o mais verdadeiro ao mesmo tempo, é, de fato, uma linguagem da identidade social, assim naturalizada, sob forma, por exemplo, da 'vulgaridade' ou da 'distinção', ditas naturais.

Ora, identificamos que o *habitus* são *inculcações* sofridas desde o meio social, escola ao âmbito familiar reproduzindo um poder simbólico por via de determinados capitais que geram distinções. Por outro lado, o *hexis* corporal conforma essas *inculcações* permitindo os mecanismos de reproduções por meio do corpo dos agentes, por meio das posturas ou dos comportamentos morais. As duas dimensões *habitus* e *hexis* são complementares e serão de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

Linhas provisórias de conclusão

Para finalizar em linhas provisórias é importante acentuar que esta pesquisa poderá contribuir para a reflexão de como a educação física atuou na produção do corpo da população capixaba entre as décadas de 40 e 60 e poderá apontar para um novo enfoque sobre a educação escolar do Estado do Espírito Santo voltada para um público que ainda não foi evidenciado em pesquisas, principalmente nos moldes da educação eclesial que atuou/a fortemente na educação e na formação da elite brasileira, se pautando em modelos educacionais que dessem conta das exigências da classe social dominante: formar os dirigentes da pátria com todas as prerrogativas de uma educação nos moldes europeus, bem como, contribuir com a discussão acadêmica da área possibilitando futuras análises em outros estudos que podem vir a ser realizados.

REFERÊNCIAS

AZZI, R. A Obra de Dom Bosco no Brasil: cem anos de história. São Paulo. Editora Salesiana, 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b, 3ª ed.

CANTARINO, FILHO, Mário. A educação física no Estado Novo: História e doutrina brasileira. Dissertação (Mestrado). Brasília: UnB, 1982.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação
popular*
Niterói - RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

DALLABRIDA, N.. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na primeira república.** Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História da educação brasileira.** São Paulo: Cortez, 2006, 2ª ed.

_____. **O corpo: filosofia e educação.** São Paulo: Ática, 2007.

GOMES, I.M. **O corpo desportista moderno: disciplina e reflexividade na instituição acadêmica brasileira.** 118 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2000.

GOMES, L. R. S. **CORPO E DISTINÇÃO SOCIAL: CÓDIGOS QUE SE MARCAM NA ESCOLA.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina/Centro de Desportos

PAIVA, F.S.L. **Sobre o pensamento médico-higienista oitocentista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da educação física no Brasil.** Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

_____. Notas para pensar a educação física para pensar o conceito de campo. In: **Perspectiva**, Revista do centro de ciência da educação. Florianópolis: Ed. Da UFSC: NUP/CED, v,22 n.Especial, jul/dez, 2004. p. 51-81.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes européias no Brasil.** Campinas/SP: Autores Associados, 1994.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Educação Física escolar e ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência.** Rio de Janeiro: Editora Universitária São Francisco, 2003.